



MUSEU  
DO  
UMBRAL

Rojando em tudo a peste aos guinchos aziagos,  
Tragando força e vida em torturas severas,  
3 Lêmures, avejões, harpias, manes, dragos,  
Mostram gestos de gana, urram quais loucas feras!...

Trasgos de olhares vis, disformes, feios, gagos,  
Quais monstros em tropéis, ontem foram, deveras,  
Homens que agora são abantesmas e magos,  
Mulheres que hoje são vampiros e megeras!...

(\*) Como poeta, colaborou na imprensa santista e paulistana, tendo sido um dos redatores da revista *O Verso*, escrita toda em versos, inclusive os anúncios. E' patrono de uma das cadeiras da Academia Santista de Letras. A seu respeito diz Fernando Góes (*Pan.* V, pág. 157): «Seus versos traem, a todo instante, a preocupação da forma, que ele próprio confessa, mais de uma vez, desejar seja impecável.» E S. Galeão Coutinho, no seu prefácio a *Flâmulas*, pág. 12, escreveu: «O verso foi

9 Parcas, bruxas, lusbéis, hidras que fazem ágoras;  
Larvas, serpes, tritões envoltos em mandrágoras;  
11 Demos que vêm e vão em funestos reclamos!...

Tais formas e visões, frutos de nossas mentes,  
Morrem sempre igual sombra exposta a sóis ardentes,  
14 Ao vencermos o mal que nós mesmos criamos!...

NEM TUDO E' SILÊNCIO

Contempla o campo agreste... Eis a tela soturna  
Do imenso chapadão a perder-se de vista...  
17 Mas se tudo é deserto e tristeza na crista,  
Sob a terra que dorme, a semente se enfurna.  
  
19 Da cova pequenina, improvisada urna,  
Anônima e largada à lama que a contrista,

para ele o palácio encantado onde se isolava para entregar-se a orgias maravilhosas de sons e coloridos.» (Santos, Est. de S. Paulo, 26 de Maio de 1891 — Santos, 21 de Agosto de 1920.)

BIBLIOGRAFIA: *Jornada Lírica; Flâmulas; etc.*

3. Enumeração.

9. Cf. nota anterior (nº 3).

11. *Demo*: "Demônio; pessoa turbulenta ou astuciosa".

*Obs.*: Tomem-se as palavras *demônio*, *Lúcifer* e outras que tais com o significado de Espíritos, nossos irmãos, que permanecem temporariamente nos círculos da ignorância, Espíritos esses, no entanto, que, um dia, se voltarão para o Eterno Bem.

14. Dos diversos aedos que nos trouxeram notícias do Umbral, nesta *Antologia*, nenhum talvez tenha alcançado tanto realismo nas descrições quanto FM, nestes perfeitos alexandrinos. E o mais importante é que, depois de fazer um inventário completo de todo o *museu*, fecha o soneto com chave de ouro, afirmando que "Tais formas e visões, frutos de nossas mentes,/ Morrem sempre igual sombra exposta a sóis ardentes,/ Ao vencermos o mal que nós mesmos criamos!..."

17. Aliteração em *t*.

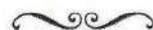
19. Leia-se com hiato: "...improvisada/ ur/na."



A árvore nasce ao sol com beleza imprevista,  
Vencendo a expectativa da gleba taciturna...

Ausculda, assim também, a solidão da lousa...  
Nem fala que a revele ou força que a transporte...  
Tudo aparente inércia ao lodo em que se olvida!

Entanto, à plena sombra, em que a cinza repousa,  
Onde se junte o caos à escuridão da morte,  
28 Emerge, soberana, a excelência da vida...



28. Não obstante o poeta, em algumas de suas composições, tais como "Introspecção" e "A um descrente", deixe transparecer, pelo menos intuitivamente, ideias reencarnacionistas, pedimos vênica para transcrever-lhe, aqui, o soneto "A Árvore" (*apud Pan.* V, págs. 157-158), escrito por ele quando se achava no Plano Físico, a fim de comprovar que "Nem tudo é silêncio" revela a preocupação do poeta de desfazer a ideia negativa que existe em "A Árvore":

"Hirta, negra, espectral, chora talvez. Responde  
Seu próprio choro à voz do vento que a fustiga,  
Ela que ao sol floriu, floriu às chuvas, onde  
A paz é santa, o campo é doce, a noite é amiga...

Essa que esconde a chaga, essa que a história esconde,  
Que conhece a bonança e a borrasca inimiga,  
Já foi flor, foi semente, e, sendo arbusto, a fronde  
Ergueu para a amplidão às aves e à cantiga.

Que infinita tristeza o fim da vida encerra  
A quem já pompeou do Sol na própria luz.  
As flores para o céu e a sombra para a terra!

Foi semente, brotou... Árvore transformada,  
Sorriu em cada flor; e hoje, de galhos nus,  
Velha, aguarda a tortura estúpida do nada!"

FRANCISCA JÚLIA da Silva \*



ADEUS

1 Na agonia da luz o astro-rei purpurina...  
Leves tarjas de noite a manchar o horizonte...  
Uma estrela a piscar remove a névoa fina  
E espelha-se, feliz, no regato defronte...

Soluçe um pombo além e se alteia e se inclina  
6 E voa sem que o Sol novo rumo lhe aponte...  
Humilde rola chora a gemer na campina,  
Alheia ao prado em flor e à carícia da fonte...

(\*) Conquanto apresente a poesia de FJ alguns defeitos formais, é considerada a maior poetisa parnasiana, «maravilhoso poeta, um dos mais originais do Brasil», no dizer de Vicente de Carvalho (citado no *Pan.* III, pág. 248). Versejou em importantes periódicos de S. Paulo, e na *A Semana*, do Rio. João Ribeiro, Olavo Bilac, Agrippino Grieco e até mesmo Machado de Assis teceram largos elogios aos versos de Francisca Júlia, versos que plasmaram o ideal extremo da beleza, segundo